



2003

Discursos do Presidente da Liga dos Combatentes

ÍNDICE

(Clicar com o rato na data para abrir o discurso pretendido)

[06.05.2003](#) – Tomada de Posse da Direção Central da LC

[11.11.2003](#) – 80.º Aniversário da Liga dos Combatentes

[18.12.2003](#) – Mensagem de Natal

TOMADA DE POSSE

6 de maio de 2003

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Ministro de Estado e da Defesa Nacional
Exmo. Senhor Secretário de Estado da Defesa e dos Antigos Combatentes
Exmo. Senhor General Chefe do Estado-Maior do Exército
Exmo. Senhor General representante do Senhor General Chefe do Estado-Maior da Armada
Exmo. Senhor General representante do Senhor General Chefe do Estado-Maior da Força Aérea
Exmos. Senhores Diretores-Gerais, senhores Almirantes e senhores Generais
Exmo. Senhor General Presidente da Assembleia-Geral
Exmo. Senhor Presidente do Conselho Supremo
Dignos representantes das Associações congéneres
Representantes dos Núcleos da Liga dos Combatentes

Caros Camaradas e amigos
Minhas Senhoras e meus Senhores

As minhas primeiras palavras são de agradecimento.

A V. Exa. Senhor Ministro da Defesa Nacional e a V. Exa. Senhor Secretário de Estado da Defesa e dos Antigos Combatentes pela presença neste ato, pelo que ela representa de estímulo pessoal, demonstração de apoio institucional e de confirmação inequívoca de ser a resolução dos problemas que afetam este sector da sociedade portuguesa, uma prioridade para o Ministério da Defesa Nacional. Agradecimento a quem se lembrou de me propor para este cargo. A todos os que apoiaram essa ideia. Finalmente aos que em Assembleia-Geral de 06 de maio me elegeram. Agradeço igualmente a presença de todos os que se quiseram associar a esta cerimónia de tomada de posse.

Assumo funções de Presidente da Direção Central no ano em que a Liga dos Combatentes assinala o seu 80º. Aniversário. Parecendo altura de começar a escrever-se a sua brilhante História é também momento para nos iluminarmos com a clareza dos seus fins, na prossecução do seu futuro. Fundada em 1923 com o nome de Liga dos Combatentes da Grande Guerra, passou a designar-se em 1960 por Liga dos Combatentes e a aceitar a inscrição dos combatentes das Campanhas do Ultramar Português. Hoje, com as alterações efetuadas nos estatutos, nomeadamente em 1999, o seu âmbito é bem mais amplo e o seu universo bem mais abrangente. Deixando de ser uma sociedade fechada, pode no aprofundamento da prática dos seus estatutos, tornar-se uma sociedade aberta aos cidadãos, a título individual ou coletivo, nacionais ou estrangeiros.

Não somos, pois, uma instituição que tem a sua esperança de vida em combatentes de uma determinada guerra, mas que tem a garantia da perenidade da sua vida nos cidadãos combatentes do passado, atuais e futuros. Daqui resultará ser fundamental desenvolver um esforço comum no alargamento e rejuvenescimento dos sócios quer combatentes, quer efetivos, quer extraordinários. Quanto aos primeiros procurando a aderência de mais sócios, entre os cerca de 500.000 que recentemente se identificaram perante o MDN. Quanto aos segundos, os efetivos, procurando o apoio dos três ramos das Forças Armadas para que qualquer militar tenha prazer e sinta honra em ser sócio de uma instituição como a nossa, incentivando a criação interna da figura de Representante da Liga junto das Unidades e Estabelecimentos das Forças Armadas e das Forças

de Segurança. Quanto aos terceiros, os extraordinários, envolvendo as próprias famílias na nossa vivência institucional.

Uma atenção especial para os cônjuges, a quem é dedicado um artigo nos estatutos, procurando dar à Liga uma presença feminina alargada que se impõe, hoje que a mulher assumiu o seu lugar nas Forças Armadas e de Segurança. Como testemunho e espero como exemplo a ser livremente seguido, acaba a minha mulher de se fazer sócio extraordinário. Apelo a todos os sócios que façam o mesmo. A ser assim, seria uma atitude que teria uma influência futura profunda na própria vida da instituição. Tudo feito com respeito pelo Princípio da Unidade em torno dos nossos valores. Do Soldado Desconhecido ao Herói Público. Da Mulher Soldado à Mulher Polícia. De qualquer elemento das Forças Armadas, das Forças de Segurança ou Organização Civil que tenha participado em missões de defesa, de segurança, de soberania, humanitárias, de paz, ou de cooperação. Enfim de qualquer cidadão que vista, ou tenha vestido, a honrosa farda de um dos três ramos das Forças Armadas.

Não pretendemos que os sócios sejam um mero somatório de indivíduos, mas que sejam e se sintam pessoas, singulares e coletivas e que, como pessoas, estabeleçam relações entre si e com a Liga e criem uma cultura de pensamento e de ação como verdadeiros e permanentes combatentes por valores morais e sociais superiores, no interesse da instituição e do país. Sempre no respeito do Princípio da Dignidade.

É de facto importante que todos, sabendo que como combatentes, se situam entre os mais poderosos símbolos nacionais, o sintam. Que, como tal, se devem constituir em modelos de comportamento e exemplo para a sociedade em geral e para a juventude em particular. Os combatentes, que sentiram física e psicologicamente as agruras da guerra, da manutenção da paz ou da perda da liberdade, podem contribuir, com o seu conhecimento e participação ativa, na cooperação entre as nações para uma paz mais durável e justa e para a liberdade dos homens e dos povos. São uma insubstituível reserva moral dos restantes sócios e dos cidadãos. Perante estes, devem assim constituir-se num meio que continua a poder prestar serviços à comunidade e não constituir-se num peso e num estorvo dessa mesma comunidade.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

80.º ANIVERSÁRIO DA LIGA DOS COMBATENTES

11 de outubro de 2003

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Senhor Ministro de Estado e da Defesa Nacional

Agradeço a V. Ex.^a. o ter-se dignado presidir a esta cerimónia comemorativa do 80º. Aniversário da Liga dos Combatentes, bem como todo o apoio concedido pelo Ministério da Defesa Nacional, em particular pelo Senhor Secretário de Estado da Defesa e dos Antigos Combatentes, a quem igualmente agradeço a honrosa presença.

Senhores Embaixadores e seus Representantes, Senhor Representante do Presidente da Comissão Parlamentar de Defesa, Senhores Almirantes CEMGFA, CEMA, VCEMFA e VCEME, Senhor Governador Civil de Lisboa, Senhor General Governador Militar de Lisboa, Senhores Oficiais Gerais, Altas Entidades Civas e Militares, nacionais e estrangeiras, o nosso profundo reconhecimento por terem vindo até nós e com a vossa presença honrarem e dignificarem este momento.

Permitam-me um particular reconhecimento aos senhores Almirantes CEMGFA e CEMA e aos senhores Gerais VCEME E CEMFA, os mais altos responsáveis pelas Forças Armadas Portuguesas, instituição nacional com quem estamos e desejamos estar cada vez mais irmanados, numa complementaridade de exaltação dos valores nacionais, da história, do espírito de defesa e da solidariedade. Julgamos fundamental que este sentimento ético percorra conscientemente todos os oficiais, sargentos e praças dos três ramos das Forças Armadas e eles próprios, sintam o dever moral de se associarem, numa reafirmação dos seus valores éticos e humanitários, dando perene juventude à Liga dos Combatentes e nela congregando o passado, o presente e o futuro.

Senhor Eng.º Ângelo Correia, permita que o felicite pela sua brilhante intervenção e lhe agradeça a imediata disponibilidade que logo demonstrou para o fazer neste significativo dia para a Liga dos Combatentes.

Minhas senhoras e meus senhores, muito obrigado pela vossa presença, cujo carinho nos enaltece e é testemunho do reconhecimento da sociedade portuguesa. Uma palavra muito especial a toda a comunicação social.

Dignos Combatentes.

Caros sócios da Liga dos Combatentes: dos mais ilustres e notáveis, aos que conhecem a pobreza e a exclusão social; dos brancos aos negros, amarelos e mestiços; dos cristãos aos judeus ou muçulmanos; da direita, ao centro ou à esquerda política; a todos, mortos ou vivos, que em determinado momento da vida juraram dar, e alguns deram, a vida por Portugal, honrando a farda das Forças Armadas ou das Forças de Segurança: é para vós e por vós que falo em especial e direi uma palavra sobre o passado, duas sobre o presente e três sobre o futuro. Sobre o passado a palavra é **RESPEITO**.

Em primeiro lugar, **RESPEITO** pelos que, na nossa frente, com o seu nome, fortalecem as paredes deste Forte do Bom Sucesso e que conjuntamente com todos os que ao longo da nossa história

caíram por Portugal devem ser considerados como símbolo nacional, tal como o são a Bandeira e o Hino.

Em segundo lugar, RESPEITO pelos que ao longo de oitenta anos deram vida à Liga dos Combatentes. Nascida sob o desígnio da luta contra a miséria, o abandono e o esquecimento a que haviam sido votados combatentes que desde o final de século XIX se haviam batido em África e na 1.ª Guerra Mundial, a Liga foi, durante décadas, o seu verdadeiro Estado Providência, inexistente em Portugal até aos anos setenta, apoiando-os a si e a suas famílias. Que o testemunhem os filhos e netos dos que sofreram as agruras das campanhas de África e da 1.ª Guerra Mundial. Que o testemunhem igualmente as famílias e cidadãos ingleses, franceses, alemães ou checoslovacos que, durante a 2.ª Guerra Mundial viram as suas vidas refeitas pelo apoio humanitário proporcionado pela ação da Liga dos Combatentes.

Aquando da Guerra do Ultramar a Liga, face à sua história e seus objetivos, viu aumentar exponencialmente o número de sócios e o número de núcleos em todo o país e no mundo, assumindo apoios e missões até então atribuídas a outras entidades. A nossa história é, pois, a de uma instituição transversal na sociedade portuguesa, que viveu ininterruptamente desde a sua fundação até aos nossos dias, a república, o estado novo e a democracia, sendo o reflexo da história de Portugal no século XX. Não necessitou para isso, e ao longo dos tempos, de mudar os seus objetivos de exaltação dos valores da Pátria e da solidariedade para com os mais carenciados.

Sobre o presente as palavras são DIGNIDADE e TRABALHO.

Fomos, somos e seremos combatentes. Devemos de cabeça levantada, apresentar-nos à sociedade como tal. Não queremos que nos tratem como heróis. Pretendemos apenas que o nosso exemplo se projete nas gerações vindouras e que elas, no momento próprio, cumpram o seu dever. Somos profundos defensores da Paz. Mas muitos de nós tivemos que fazer a guerra. Pintem-nos de Preto e Branco, de Branco e Preto ou com as cores do arco-íris. As cores com que nos pintarem serão as cores de um povo inteiro. A natural dignidade desejada por um povo, para os seus combatentes, nada tem a ver com teorias conservadoras ou progressistas, confunde-se com a própria identidade nacional. Dignidade e reconhecimento são assim para o combatente, palavras de elevado significado. Talvez por isso sejam hoje um objetivo político. Temos que contribuir para esse objetivo com mais trabalho e melhor e mais moderna organização. Temos que manter ocupado o nosso espaço nacional e defender os objetivos que a história nos impede de ceder.

Finalmente três palavras sobre o futuro. Deverá ser iluminado por três sentimentos base de conduta: **ABERTURA, INOVAÇÃO e CONFIANÇA.**

ABERTURA à modernização, ao rejuvenescimento e renovação do conceito de combatente, relançando uma nova imagem da Liga dos Combatentes a toda a população portuguesa e em especial aos jovens de Portugal. A Abertura, hoje, do Forte e Museu do Bom Sucesso ao público, pelo Senhor Ministro, é um sinal desse futuro.

ABERTURA para a manutenção desta Instituição transversal da Sociedade Portuguesa que é a Liga dos Combatentes.

ABERTURA a todas as organizações de combatentes no sentido de, no respeito de identidades próprias, encontrarmos caminhos na solução de problemas comuns.

ABERTURA que nos permita o contacto com qualquer organização, de qualquer ponto do mundo, mesmo que essa organização congregue hoje os inimigos de ontem.

INOVAÇÃO, para resolução os atuais e conhecidos problemas dos combatentes e por outro lado investigação atenta na descoberta de novas respostas a novos problemas dos combatentes do Kosovo, à Bósnia, de Timor a Angola ou ao provável Iraque.

Aprofundamento do espírito de Defesa, apoio à reinserção na vida ativa de jovens voluntários e contratados, investigação, seleção e apoio de casos de pobreza e exclusão social, apoio à Idade de Ouro, serão para nós alguns dos grandes desafios do futuro da Liga dos Combatentes.

Finalmente termino com uma palavra de **CONFIANÇA**. **CONFIANÇA** no futuro porque acredito no apoio do Governo de Portugal.

Porque acredito que as Forças Armadas levarão aos seus elementos o ideário da Liga, daí resultando uma predisposição associativa consciente e conseqüentemente uma Liga dos Combatentes que congrega o Passado, o Presente e o Futuro. Porque divulgando o nosso ideário ao cidadão comum ele compreenderá, ao associar-se, a profundidade do seu ato. Evocando hoje, no seu 80.º Aniversário, a Liga dos Combatentes do séc. XX, avancemos confiantes e determinados para a continuação de uma Liga dos Combatentes do séc. XXI. Mas permitam-me que busque forças no passado, para avançar nesse futuro, com um poema curvando-me sobre os que caíram. Dei-lhe o título “Regresso”.

REGRESSO

*Está um vapor encostado ao cais
Que suporta a dor de mulher e pais!*

*Do porão, em guindaste elevado ao céu,
Sai um caixote envolvido em imaginário véu...*

*Véu de esperança à partida. Véu de guerra.
Véu que deita alguns heróis por terra...*

*Traz dentro, um marido e um filhote
E o caixão, não é mais que um caixote...*

*Saiu entre muitos, com seu Batalhão,
Regressa mais só... que a solidão...*

*Vem deitado. Erguido aos céus, não mexe mais.
Cai nos braços de mulher e pais.*

*Alguém esperando, tem uma Bandeira na mão...
Estende-a sobre um corpo dentro de um caixão...*

*Veio anónimo. Sem se saber o que terá sofrido.
Veio, como vem qualquer soldado desconhecido.*

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

MENSAGEM DE NATAL

18 de dezembro de 2003

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

O Natal do Combatente é um Natal diferente!...

Como diferentes são os sentimentos que o podem invadir: - Se já passou o Natal em situações de combate; se vive hoje o Natal em situação de conflito ou de manutenção da paz; se vive uma juventude que lhe permite festejar o Natal como qualquer cidadão, embora na perspectiva de um dia se ver nas situações anteriores. Os que já tiveram a oportunidade de ultrapassar o inferno da guerra ou da imposição da paz têm uma mensagem e uma vivência que bem pode servir de exemplo e suporte. O homem que viveu situações de afastamento forçado dos seus entes queridos, em ambiente de guerra, teve e tem Natais bem diferentes do comum dos mortais!...

Quem alguma vez teve oportunidade de misturar a saudade com o permanente perigo, a morte iminente com a vida, a fome com a abundância, a dúvida com a esperança, a coragem com o medo, o justo com o injusto, em situações de guerra, jamais esquecerá os dias em que, bem longe, outros assinalavam o Natal que ele, família e amigos, não tinham possibilidade e alegria de festejar! Quando hoje revive o Natal, o Combatente recorda forçosamente esses tempos difíceis e o Natal é para ele, sempre, um Natal diferente!

Um Natal necessariamente mais Natal! Porque ele, combatente, ficou mais consciente e mais defensor da Paz! Mais tolerante porque se confrontou com a violência; mais amigo porque conheceu o inimigo; mais alegre porque conviveu com a tristeza e a adversidade; mais forte porque venceu a morte; mais compreensivo porque, na época em que se festeja o mistério do nascimento, sente que também ele ressuscitou; porque verdadeiramente sente que está vivo e capaz de agora, festejar de consciência tranquila, mais um Natal, com a família e os amigos.

É esta mensagem que deixam à juventude. Que eles próprios são capazes de acreditar que a guerra e a violência que tiveram que enfrentar, acabarão um dia porque o Natal existe. E ao contrário do que então tiveram dificuldade em compreender, o Natal é de facto alegria, encontro, dádiva, vida, luz e amor. Importa que não seja vivido apenas um dia por ano e por vezes não possa ser vivido. De facto, afirma-se que o Natal é o mistério duma " admirável permuta".

Logo, mesmo nas situações difíceis, segundo alguns "é Natal quando o homem quiser" e segundo outros "é Natal porque Deus quis". Só que por vezes parece que nem o Homem nem Deus o querem.

Festejemos todos, neste ano de 2003, mais um Natal e lembremo-nos dos que hoje, como nós um dia, dificilmente o podem verdadeiramente sentir.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general